

Serenidade e espírito de luta

A um mês da reunião do colégio eleitoral, Tancredo Neves já falava como presidente da República. Não escondia, entretanto, a necessidade de tornar efetiva a união nacional sufocada por 20 anos de asfixia política, imposta pelo regime militar. "Precisaremos ser eficientes na administração das demandas, das pressões, das reivindicações que, represadas há tantos anos, deverão ser hierarquizadas de forma justa" — admitiu em encontro com dois mil empresários paranaenses, concordando com a tese de que "o governo precisa governar menos".

No dia 7 de dezembro, diante de 200 mil pessoas na Praça da Sé, reconheceu que o povo chamava a si "a condução dos destinos da Pátria, as reivindicações de seus direitos usurpados, espoliados, espezinhados". Como imagem de seu apelo à conciliação, reunia no palarque o banqueiro Olavo Setúbal ao lado do comunista Giocondo Dias, além de adversários históricos como José Sarney e Franco Montoro. Mas sua sensibilidade atribuía a derrota antecipada do regime militar aos que estavam à sua frente: "O povo será o vitorioso no dia 15 de janeiro".

A essa altura, recebia homenagens em todos os pontos do País, como futuro presidente da República. Mas não perdeu a humildade: ao participar da solenidade de entrega da Medalha Cardeal Leme ao jurista Sobral Pinto, beijou-lhe a mão, num gesto simbólico de respeito ao homem que personifica a defesa intransigente das instituições legais do Brasil há mais de 40 anos.

Depois de admitir em entrevista que "a incompreensão de setores militares mais radicais" foi a maior dificul-

dade para a consolidação de sua candidatura, Tancredo ainda encontra tranquilidade para um novo gesto conciliador, elogiando a mudança do tom agressivo de Maluf, que então procurava "valorizar sua derrota".

Cerca de 45 mil pessoas representam a população de Aracaju no comício em apoio a sua candidatura em 15 de dezembro. No dia seguinte, bastante cansado, ele segue para Recife, onde 50 mil pernambucanos saúdam sua candidatura na manifestação por "um lugar ao Sol".

Com a menor intensidade das viagens pelo País, Tancredo passa a dedicar-se às diretrizes econômico-sociais da Nova República. "Prometer inflação de 120% é afirmar o que não se vai conseguir" — avisa, lembrando que é impossível cumprir as intenções firmadas com o FMI.

No dia 19 de dezembro, recebe o lançamento oficial do Partido da Frente Liberal com satisfação: "Partidos fortes são os pilares da democracia". Na contabilidade dos votos, sua superioridade permitia todo tipo de especulações sobre sua atuação na Presidência da República porque já contava com mais de 250 votos de vantagem. Ou melhor, não contava: "Parei de contar depois que cheguei a 420". O próprio governo Figueiredo não alimentava expectativa diferente, por isso lhe ofereceu a Granja do Riacho Fundo para instalar-se entre a eleição e a posse no Palácio do Planalto.

As vésperas do Natal, pediu férias aos jornalistas. À insistência para que fizesse uma mensagem de fim de ano, não hesitou ao escolher seu destinatário: "Nosso povo tem tudo para realizar,

a partir de 85, um grande destino de Nação".

Ao explicar que "competência e probidade" definiriam a escolha de seus auxiliares no governo, Tancredo recomendou que "não se pode interpretar os fatos brasileiros à luz do que está escrito nos tratados de economia".

No início do ano, o clima de euforia nacional não contagiou Tancredo. "Sei que é preciso convencer o povo brasileiro de que o governo não vai fazer milagres. Quero transformar essa esperança num grande mandato de confiança nacional." Com essa perspectiva, anunciou aos industriais pernambucanos que garantiria "acesso à terra para os que dela necessitam"; também reservou uma crítica aos empresários "que não entendem a função social da empresa, não atualizaram seus princípios de gestão para valorizar a força de trabalho, preservar o meio ambiente e contribuir para o progresso da comunidade".

As reformas tributária e agrária são os destaques da proposta de governo que recebe do PMDB: "Haveremos de buscar neste livro os ensinamentos de fonte cristalina".

Havia pouco que aprender. As vésperas de sua eleição para a Presidência, conservava o espírito de luta, a serenidade e a disposição para o diálogo que 50 anos de vida política lhe ensinaram. Seus 300 votos de vantagem no colégio eleitoral apenas referendaram um mandato que sua própria sabedoria havia conquistado. Sua fé no trabalho continuava inabalável quando fez seu discurso da vitória, entregando-se "ao serviço da Nação". Sabia, sobretudo, que a travessia está apenas começando.